Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Dossiê Linguagens Urbanas: olhares e diálogos nos territórios das cidades

A PIXAÇÃO E O GRAFFITI COMO ELEMENTOS DA PAISAGEM E DA REIVINDICAÇÃO DO ESPAÇO EM ALFENAS/MG

PIXATION AND GRAFFITI AS ELEMENTS OF THE LANDSCAPE AND THE CLAIM FOR SPACE IN ALFENAS/MG

PIXACIÓN Y GRAFFITI COMO ELEMENTOS DEL PAISAJE Y LA REIVINDICACIÓN DEL ESPACIO EN ALFENAS/MG

Brenda Letícia de Paula Muniz
Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL, MG, Brasil

Evânio dos Santos Branquinho
Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL, MG, Brasil

Resumo

O trabalho aborda as inscrições urbanas da pixação e do graffiti em Alfenas, cidade localizada no sul de Minas Gerais. Procura evidenciar como ocorre os conflitos entre os poderes público e privado na cidade, em vista das expressões serem consideradas elementos da representação subjetiva e simbólica dos sujeitos que intentam expor no espaço suas identidades, sendo na essência uma conduta política. Com a finalidade de verificar quais as motivações de ordem social participam da expressividade dos grafismos, realizou-se entrevistas semiestruturadas com os praticantes do pixo e funcionários públicos municipais, de modo a oferecer um cenário que evidencie as diferentes formas de se apreender a pixação e o graffiti em uma cidade média.

Palavras-chave: Pixação. Graffiti. Cidade média.

Abstract

This study addresses the urban inscriptions of *pixação* and graffiti in Alfenas, a city located in the south of Minas Gerais. It aims to highlight how conflicts arise between public and private powers in the city, considering these expressions as elements of the subjective and symbolic representation of individuals who seek to assert their identities within urban space, an act that is, in essence, political act. In order to understand the social motivations behind these graphic expressions, semi-structured interviews were conducted with *pixação* practitioners and municipal public employees, aiming to present a scenario that reveals the different ways in which *pixação* and graffiti are interpreted in a medium-sized city.

Keywords: Tagging. Graffiti. Medium-sized city.

DE PAULA MUNIZ, Brenda Letícia; DOS SANTOS BRANQUINHO, Evânio. A PIXAÇÃO E O GRAFFITI COMO ELEMENTOS DA PAISAGEM E DA REIVINDICAÇÃO DO ESPAÇO EM ALFENAS/MG. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-25, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Resumen

Este artículo examina las inscripciones urbanas del tagging y el grafiti en Alfenas, ciudad ubicada al sur de Minas Gerais. Busca destacar cómo se desarrollan los conflictos entre los sectores público y privado en la ciudad, dado que estas expresiones se consideran elementos de la representación subjetiva y simbólica de individuos que intentan expresar sus identidades en el espacio, un acto esencialmente político. Para determinar las motivaciones sociales que influyen en la expresividad de estos grafitis, se realizaron entrevistas semiestructuradas con profesionales del tagging y funcionarios municipales, proporcionando un marco que destaca las diferentes maneras en que el tagging y el grafiti se perciben en una ciudad de tamaño medio.

Palabras clave: Tagging. Grafiti. Ciudad de tamaño medio.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa oferecer um quadro da presença da pixação e do graffiti[1] como elementos que participam da paisagem urbana de Alfenas e como a espacialidade dessa expressão procura evidenciar a ação de uma coletividade que se projeta no espaço urbano como um agente modelador, na medida em que busca reivindicar os espaços numa prática subversiva e transgressora.

É possível observar que durante a ditadura militar brasileira as escritas urbanas possuíam um sentido explicito nos meios de reivindicação como frases de ordem contra o regime vigente. Com o passar dos anos, por influências da comunidade internacional e processos sociais que motivaram a exposição de identidades coletivas ou pessoais na cidade, o pixo e o graffiti ainda se constituem como meios de reivindicação social e política. Entretanto, suas intencionalidades são constantemente colocadas à prova da moralidade burguesa. Sendo assim, a pixação e o graffiti, como elementos da subjetividade dos sujeitos, passaram por uma transformação que, nos dias atuais, aparecem nos centros urbanos a partir da síntese de uma identidade.

Procura-se estabelecer um paralelo entre os interesses dos sujeitos em grafarem as estruturas da cidade com referência às suas identidades e entre os motivos que se apresentam na realidade concreta, em vista da transformação do

[1] Utiliza-se o termo “graffiti” derivado do italiano “graffiare” para referenciar marcas ou inscrições realizadas em muros/paredes.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

solo urbano em mercadoria. Por meio desse tipo de intervenção, a relação dos sujeitos com o espaço público é modificada na medida em que se propõem a sobrepor o uso ao valor de troca, transgredindo as características de uma cidade organizada em função da reprodução do capital.

A pixação e o graffiti estão presentes no cotidiano das cidades e em contato direto com o público, manifestando suas perspectivas e aspirações; nesse sentido, assumem o papel de arte proveniente das ruas e transgressora da mercantilização do espaço.

Por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com quatro agentes sociais que participam das dinâmicas que a pixação e o graffiti imprimem na cidade, o trabalho procura oferecer diferentes perspectivas que a sociedade tem da pixação e do graffiti, bem como expor as contradições que integram o processo de coação dos sujeitos e criminalização da prática.

Este artigo é derivado de uma monografia de Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia e de Iniciação Científica com financiamento da FAPEMIG, apresentado na Universidade Federal de Alfenas.

METODOLOGIA

Como meios para a realização da pesquisa, adotou-se a revisão bibliográfica nos periódicos da CAPES, Google Acadêmico, Bibliotecas físicas e digitais, onde foi possível realizar o levantamento dos trabalhos que tratam do tema em questão, bem como dos aportes teóricos dos autores da Geografia que possibilitaram a articulação dos conceitos com a proposta da pesquisa.

Um dos procedimentos se deu pelo trabalho de campo realizado na cidade e nos bairros onde foi possível a identificação de uma pluralidade de escritas dos sujeitos que sintetizam a identidade pessoal e/ou coletiva. Os registros coletados foram inseridos num mapa de densidade onde foi possível identificar a concentração de dois tipos diferentes de expressão em zonas diferentes da cidade.

Como meio de estabelecer um contato com os pixadores e graffiteiros em Alfenas para buscar entender as motivações de suas práticas, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro praticantes do pixo e graffiti, que foram qualitativamente selecionadas para compor a pesquisa. Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNIFAL-MG.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Com o propósito de estabelecer um paralelo entre as experiências dos sujeitos e a realidade que se apresenta em Alfenas, foi adotado o método materialista histórico-dialético para embasar a discussão. Nesse sentido, por meio da compreensão da expansão urbana da cidade marcada pela ocupação desigual dos espaços, produzindo a segregação socioespacial entre as classes.

Assim, procura-se ressaltar como as contradições presentes no espaço perpassa o fato da pixação ser considerada crime constitucional, refletindo no modo de organização do espaço e sua reprodução social orientada pela propriedade privada e pela lógica do lucro, reduzindo a cidade e as relações sociais à lógica do valor de troca em supressão às potencialidades do uso.

Localização da área de estudo

Alfenas localiza-se na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, mais especificamente na região intermediária de Varginha e na região imediata de Alfenas. O município possui extensão territorial de 850,446 km² e abriga uma população de 78.970 habitantes (IBGE, 2022). A estruturação da rede urbana do sul de Minas apresenta cidades de porte médio das quais destacam-se Alfenas, Itajubá, Lavras, Passos, Poços de Caldas, Pouso Alegre e Varginha. Alfenas compõe a região imediata de mesmo nome, polarizando doze cidades pequenas em seu entorno, conforme a Figura 1.

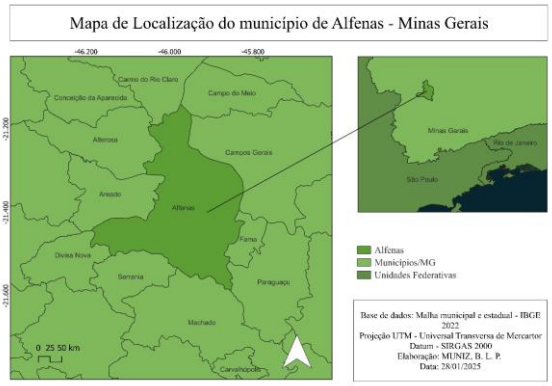

Figura 1: Localização do município de Alfenas. Fonte: Autores, 2024.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

A cidade de Alfenas possui características singulares quanto à sua organização que condiciona seu nível de influência na região onde está localizada. A significativa presença de pequenas e médias cidades no recorte sul mineiro apresenta características de um ordenamento reticular por condensar as interações de ordem econômica, social e política que refletem nos índices de influência sobre as cidades ao redor.

As variáveis que se apresentam no campo material e imaterial a partir da análise da situação da cidade no sul de Minas, são adotadas com o propósito de entender a presença da pixação e do graffiti na paisagem urbana e, por chamar atenção dessas singularidades, entende-se que os grafismos atravessados por essas características de evolução também são oriundos do processo de expansão urbana em seu contexto local e regional.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao articular a presença da pixação e do graffiti como elementos da paisagem urbana, depara-se com as diversas possibilidades de interpretações que a sociedade pode realizar de ambas expressões, em convergência ao aporte oferecido por Meinig (2003), que dialoga com as possibilidades interpretativas sobre determinada paisagem. Ao considerar estas possibilidades, não se pode excluir a visão que cada sujeito assume ao deparar-se com determinada expressão na cidade, participando do processo investigativo as diferentes narrativas que compõem uma pluralidade de percepções a partir das quais a pixação e o graffiti podem provocar na sociedade.

Com relação às amplas significações que a pixação e o graffiti podem assumir no espaço, retoma-se as contribuições de Corrêa (1989), o qual aponta os agentes sociais que compõem a produção do espaço e conflitam com a presença das escritas urbanas e os sujeitos pixadores e graffiteiros na cidade. Por esse viés, o autor ressalta a ação do Estado, os proprietários dos meios de produção, os promotores imobiliários, os proprietários fundiários e os grupos sociais excluídos participando da realidade concreta na medida em que os agentes produtores do espaço intervêm sistematicamente no processo de produção e reprodução do espaço (CORRÊA, 1989).

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Ao estabelecer esse paralelo, as investigações que orientam o trabalho se dão com o propósito em discutir primeiramente como o espaço tornou-se mercadoria no processo de acumulação capitalista, bem como a segregação socioespacial é determinante nesse processo. Carlos (2018), apoiada nas reflexões de Henri Lefebvre sobre a produção do espaço, aponta que no processo de produção mercadológica, a reprodução social é condicionada pela produção do mundo real e concreto. Isso implica na consideração de que:

> Ao mesmo tempo em que o homem produz o mundo objetivo [...] produz igualmente uma consciência sobre si – assim ele se produz no processo, como humano, consciência, desejos; um mundo de determinações e possibilidades capaz de metamorfosear a realidade (CARLOS, 2018, p. 56).

No cerne da teoria, a produção material ganha novas dimensões quando se analisa as relações sociais. Por essa lógica, a reprodução social orientada na ordem capitalista se realiza na produção do espaço, sendo condição no processo de acumulação e reprodução do capital (CARLOS, 2018).

Partindo das relações sociais presentes na cidade e os modos pelos quais os sujeitos experienciam o espaço, Carlos (2014) chama a atenção para o fato de que o cotidiano é esvaziado e alienante na medida em que os sujeitos se relacionam com a cidade orientados pelo valor de troca. A supressão do valor de uso nessa relação é evidenciada a partir das relações sociais serem mediadas pelo consumo obsessivo de mercadorias, ao passo que a utilização do espaço como possibilidade de expressão do sujeito é suprimida pela lógica do capital.

Nesse aspecto, o sujeito interagindo com a cidade somente na condição de classe trabalhadora na busca pela sobrevivência, é condicionado a experienciar a cidade segundo ao exercício da reprodução do capital, distanciando-se das suas potencialidades como sujeito plural.

Para a compreensão do objeto que se define na pesquisa, torna-se basilar a discussão da condição de Alfenas como uma cidade de porte médio, de acordo com as contribuições de Amorim Filho, Rigotti e Campos (2007). Após uma série de definições que passaram por atualizações em função das transformações econômicas, políticas e sociais, os autores classificam as cidades médias como aquelas que se inserem nos níveis intermediários em relação ao tamanho

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

demográfico, hierarquia e funções urbanas, assim como “sua posição geográfica sempre nos eixos ou entroncamentos principais das vias de comunicação, essas cidades mantêm relações importantes com centros maiores” (A. FILHO; RIGOTTI; CAMPOS, 2007, p. 9).

Em relação às concepções construídas por Corrêa (2017, p. 29), o autor destaca que “a noção ou conceito de cidade média é de natureza relacional, envolvendo relações com centros menores e maiores que ela. Nesse sentido, a cidade média só pode ser entendida como parte integrante de uma rede urbana”. Amparado nessa visão integradora acerca das atratividades que Alfenas-MG exerce nas cidades do entorno por aglomerar serviços especializados de saúde, ensino superior e ligação com rodovias importantes que dão acesso a centros maiores, a cidade com suas configurações atuais permite classificá-la como média.

A fim de oferecer um quadro teórico, Corrêa (2007) aborda alguns elementos que ajudam a compreender a cidade média a partir de três indicadores, sendo a elite empreendedora, a localização relativa e as interações espaciais. Dessa forma, considerando a realidade pela qual a cidade está inserida, Alfenas-MG concentra características nas escalas local e regional que conduzem à conceituação desse tipo de cidade e contribuem na compreensão dos fenômenos que se apresentam na pesquisa.

A partir da realidade que se apresenta em Alfenas-MG, considerando os aspectos materiais e imateriais em interação, a cidade vem apresentando características de uma cidade segregada, como aponta Branquinho (2021, p. 12), uma transformação da morfologia de um centro urbano único “para uma expansão da mancha urbana difusa e segmentada, com a formação de novas centralidades, indicando um padrão mais complexo e segregado”. Essa transformação decorre da construção de novos loteamentos motivados pelo poder municipal e, sobretudo, pela especulação dos agentes imobiliários.

Em vista da realidade desigual na cidade de Alfenas, busca-se interpretar a presença das pixações e dos graffitis como elementos que expõem as desigualdades socioespaciais, bem como investigar os conflitos gerados entre os agentes sociais e poderes do domínio público e privado.

A história da pixação no Brasil teve início na ditadura militar quando a sociedade passou por um regime de controle e repressão das práticas sociais.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Nesse período, a pichação passou a ser considerada uma ferramenta social que se apoiou nas estruturas urbanas como meios para responder à violência militar.

É dessa época que as frases “abaixo a ditadura” e “governo é traidor” são vistas nos muros da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro. De acordo com Nascimento (2019, p. 436), “[...] as pichações surgiram como um canal de mobilização e arregimentação política, sendo uma das formas de atuação da esquerda jovem do país na luta pela democracia e direito ao voto”. A figura 2 a seguir mostra um dos tipos de pichação do contexto ditatorial:



Figura 2: Pichação “Governo é traidor”. Fonte: Memorial da Resistência de São Paulo, 2024.

A partir da compreensão que difere ambos tipos de inscrição, a presença da pixação na cidade se conduz pela utilização do espaço pelas práticas simbólicas, orientadas pelas interações de ordem socioespacial que evidenciam maneiras diferentes de se relacionar com o espaço a partir do recorte de classes. Nesse sentido, o trabalho destaca a pixação e o graffiti[2] como modos dos sujeitos se

[2] Conforme apontam Pires (2017) e Soares (2022), a pichação é uma linguagem escrita ilegalmente na cidade possuindo uma caligrafia e mensagens explícitas para a sociedade, no Brasil possui sua origem na Ditadura Militar. Já a pixação, por definição de Lassala (2017), possui uma gramática própria que exige a subversão da superfície onde é realizada, geralmente ocorre na forma de pseudônimos que sintetizam a identidade individual ou coletiva. O graffiti, em contraste à pichação e à

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

revelarem na cidade para além de sua prática como trabalhador ou consumidor (domínio do valor de troca), mas também do *habitat* e do *habitar* (este último âmbito do valor de uso) e, apoiando-se nessas grafias, demonstram a existência de uma sociedade que resiste aos modos pelos quais o sistema capitalista orienta as práticas sociais.

As esferas que compõem a visão além do pixo como vandalismo, apresentam-se nesse trabalho como passíveis de serem entendidas a partir da Geografia, visto que seu objeto de estudo é o espaço geográfico, o qual Santos (2003, p. 39) define como "conjunto indissociável de sistema de objetos e sistemas de ações que formam o espaço". A partir de tal sistematização, a prática da pixação e do graffiti como expressões de intervenção no espaço permite analisá-lo sob as perspectivas que orientam a dinamicidade do espaço, em que, a partir da interação dialética, os agentes interveem uns sobre os outros e estes, no espaço onde estão inseridos.

A PIXAÇÃO E O GRAFFITI NA REIVINDICAÇÃO DA CIDADE

Os pixadores e grafiteiros encontram-se em conflito com os agentes hegemônicos da produção do espaço por meio dos grafismos. Nesse sentido, os sujeitos rebelam-se por meio das inscrições realizadas em muros e paredes de domínio alheio, numa perspectiva contrária ao Estado que busca impedir a prática, o qual sustenta e reproduz a lógica do capital.

Como meio de transgredir a ordem dominante, encontra-se a pixação e o graffiti se espacializando na cidade com o propósito de confrontar e denunciar a imposição da normatividade de como se deve viver. Assim, procura-se verificar como essa expressão plural participa da subjetividade dos sujeitos que se propõem a experienciar uma prática socioespacial que vai na contramão de uma conduta padronizada. A Entrevistada 1 reforça como ocorre a identificação do sujeito com a escrita:

> Então você cria, tipo, você não cria né porque já faz parte de você de certa forma, mas você consegue dar uma identidade de uma parte sua, que no caso pra mim, é a minha parte mais rebelde. De

pixação, revela-se na cidade com letras mais estilizadas, compostas de cores e formas que se combinam numa espécie de obra de arte, podendo ser tanto na forma de letras ou desenhos (PIRES, 2017).

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

> você ter a coragem de ir lá, se submeter a ser presa, porque é isso. Essa rebeldia que eu não consigo me expressar no meu dia a dia normal, que eu tenho que levantar e trabalhar. E aí você cria essa identidade para essa pessoa que precisa dessa revolução (Entrevistada 1, 12/09/2024).

Conforme os sujeitos se reconhecem nessa assinatura, verifica-se que as intencionalidades são orientadas por motivos diferentes. Existem aqueles que não refletem sobre sua prática social e desejam apenas ser vistos, ou aqueles que só fazem pelo ato de vandalismo e pela adrenalina de demarcar um espaço de modo ilegal. Entretanto, por meio das entrevistas realizadas com os sujeitos que atuam em Alfenas, nota-se um consenso entre os propósitos das pixações que apontam a perspectiva de reivindicação dos espaços por meio da escrita ilegal. Junto a isso, a pixação e o graffiti aparecem como formas de denunciar a estrutura social que se fundamenta na desigualdade e em problemas políticos locais.

Ao contrário das ações políticas que enquadram o pixo e o graffiti como uma escrita sem intencionalidade, a percepção dos sujeitos sobre a realidade se mostra em oposição a essa concepção. Nesse sentido, a compreensão da realidade se coloca como um dos fatores para a realização de ambas expressões, que procura romper com a ordem vigente na sociedade, alicerçada pela lógica capitalista que produz e perpetua a desigualdade, o parcelamento do solo urbano, a concentração de renda e a dominação dos espaços centrais pela elite conservadora. A fissura que se evidencia, revela-se como o espaço ideal para a atuação dos pixadores e graffiteiros que confrontam a organização espacial segregada.

> Se estou no ônibus, se estou andando, eu tenho a noção da cidade, 'estou em Alfenas'. Mas você não se sente ali, porque nada é seu, você olha e vê que cada espaço é de alguém. E eu nunca tive nada, a casa dos meus pais é deles, eu não tinha o direito de fazer o que quiser, nem desenhar nas minhas paredes. E aí essa ideia de pixar veio dessa apropriação. Por mais que aquele terreno não seja meu, aquele espaço na parede naquele momento, mesmo que dure dois dias, é meu (Entrevistada 1, 12/09/2024).

A necessidade de ocupar espaços onde não é permitido, coloca-se como possibilidade de tomar para si um fragmento da cidade, no caso muros, postes e demais estruturas urbanas que são de domínio alheio. A escrita quando exposta nos muros remete aos pixadores e graffiteiros uma forma de apropriar-se de

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

determinado espaço, permitindo que o sujeito se reconheça nele a partir de sua identidade grafada, configurando na essência, uma ação política e transgressora (PIRES, 2019).

Evidenciando a pixação e o graffiti no propósito de denunciar a cidade em sua organização, fruto da dinâmica capitalista, cita-se o Entrevistado 2 que expõe a contradição entre pixação como reivindicação social e o fato de ser considerado crime. “Porque pixação é crime ambiental, mas a cidade em si já é um crime ambiental, tá ligado? Então nóis vai pixar essa porra memo, é um protesto mano.” (Entrevistado 2, 18/09/2024).

Ao ser questionado sobre como lida com o fato de o pixo ser considerado crime e, ainda assim, praticá-lo, o entrevistado responde:

> Ah, acho que se não fosse [crime] eu não pixava. E também não tem como a pixação deixar de ser crime, né mano. O bagulho é que você vai e arregaça a propriedade privada, tá ligado, ou uma propriedade privada. Mas às vezes é aquela bosta, você tá incomodado com o bagulho, os caras vai e fosca, foda-se. E é isso, mano, por mais que seja crime, crime é o que os caras faz, tá ligado? Oxe, pixação é crime ambiental, rapaz? E a lama de Mariana, tá ligado? Vai se foder, tudo aí crime ambiental, os caras metem o louco. Não me abala ser crime não, até gosto (Entrevistado 2, 18/09/2024).

Considerando ambas expressões como uma linguagem restrita a um grupo de pessoas que necessita da subversão dos espaços para sua realização, verifica-se a necessidade da utilização de uma assinatura que não permita a identificação do sujeito pela sociedade. Nesse sentido, foi verificado que há uma pluralidade de assinaturas em Alfenas, que expõe diferentes estilos de letras, elementos simbólicos e cores. No ano de 2024, foi possível verificar que além das pixações, houve o aumento das pichações que contestam políticos locais e a falta de acessibilidade de moradia na cidade.

De acordo com Lassala (2017), a pluralidade e a quantidade das escritas urbanas apresentam-se numa miscelânea, configurando um conjunto diverso de reivindicações que participam da paisagem das cidades, conforme a figura 3 a seguir:

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868



Figura 3: Miscelânea de pixações e pichações. Fonte: Autores, 2024

A partir da estrutura morfológico-funcional de Alfenas, que vem se alterando ao longo dos anos com o aumento de condomínios de alto padrão no Jardim Aeroporto e arredores, novos empreendimentos modificam a dinâmica econômica, assim como uma formação mais complexa que a periferia possui atualmente. A cidade passa a evidenciar a participação de diversos agentes sociais na produção do espaço (BRANQUINHO, 2021). O atual arranjo espacial da cidade, nesse sentido, revela disparidades socioeconômicas, como no acesso à moradia, lazer e cultura, privilegiando aqueles que podem pagar para consumir determinados espaços.

Por intermédio do trabalho de campo, as observações cotidianas na cidade e com as contribuições dos entrevistados, verificou-se que no centro há mais pixação e nos bairros periféricos, os graffitis. Entretanto, essa relação não é estática, haja visto que as inscrições podem ser realizadas em qualquer lugar alterando a paisagem, assim como as que já existem podem ser apagadas e alterar a dinâmica que se evidencia.

Considerando as variáveis que envolvem essa concentração, confirmada por um dos entrevistados, verificou-se que a pixação consiste na realização de uma escrita ágil com o uso do *spray*, predominando na zona central onde a

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

circulação e vigilância são mais intensas. Além disso, os locais disponíveis no centro nem sempre são atrativos para os sujeitos dedicarem-se ao graffiti, expressão que exige uma elaboração mais complexa, demandando tempo e a autorização do proprietário para a realização da arte, o que torna a prática menos viável, dependendo a localização do bairro.

Em relação ao graffiti e sua maior presença nos bairros periféricos decorre da promoção de eventos culturais de hip-hop, como por exemplo o evento “A luz da rua”. Além disso, é possível a realização do graffiti nesses e outros espaços periféricos da cidade, como os muros de escolas, casas e de quadras de esporte, pelo fato de haver maior aceitação dos residentes.

Os graffitis presentes em Alfenas possuem uma pluralidade nos tipos de expressões. Na zona central existem aqueles realizados com a função de valorizar estabelecimentos e chamados de pintura artística ou comercial, coexistindo também com os graffitis feitos de forma independente pelo artista, realizados pela necessidade individual de intervenção na cidade.

As pinturas artísticas ou comerciais possuem um prestígio maior da sociedade por conseguir comunicar diretamente sua mensagem a partir da combinação de desenhos, o nome do estabelecimento e demais elementos que, em conjunto, expressam a finalidade para qual foi realizada.

Já aqueles em que o graffiti expressa a identidade do artista a partir da escrita da tag, realizado de forma independente, não possui a mesma receptividade pela sociedade, pois existe uma barreira que dificulta a interpretação do senso comum e a finalidade do artista que, por vezes, é criminalizado quando realizado na zona central. As figuras 4 e 5 evidenciam as diferenças entre esses graffitis.



Figura 4: Pintura comercial em lanchonete. Fonte: Minero, 2023.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868



Figura 5: Graffiti em muro de escola. Fonte: Autores, 2024

Entretanto, a dinâmica é diferenciada quando se analisa os graffitis presentes na periferia da cidade, sobretudo na zona Oeste nos bairros Pinheirinho e Santa Clara e zona Norte no bairro Jardim Primavera. Em função dos eventos de hip-hop e da mobilização coletiva dos graffiteiros, as expressões realizadas nessas zonas da cidade ocorrem com a intenção de valorizar as estruturas urbanas em vista da maior precariedade no processo de ocupação desses bairros.

Há um consenso entre os entrevistados pela preferência em realizar graffitis na zona periférica com o propósito de trazer mais elementos artísticos na composição da paisagem, buscando alterar visualmente a precariedade por meio de desenhos que expressam a luta coletiva, a busca pela identidade e o fortalecimento da cultura local. O relato da entrevistada 1 evidencia como essa dinâmica ocorre num bairro periférico:

> Você tenta a revolução de duas formas, da forma mais pacífica tentando mudar na sala de aula e da forma mais prática que é ir lá e pixar um bagulho, tipo, você vai e faz um super graffiti no espaço público [...] que você pode usar de alguma forma para se expressar. Até mesmo o graffiti que fiz lá no Primavera foi muito mais aceito, mais acolhido e muito mais aplaudido pela comunidade e feito para eles verem. Da galera que senta lá e tem uns filhos jogando bola, apreciando a arte mesmo, tá ligado? (Entrevistada 1, 12/09/2024).

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868



Figura 6: Graffiti no Jardim Primavera, zona Norte. Fonte: Miss Risadinha, 2022.

Além disso, a entrevistada 1, quando perguntada sobre os motivos que orientam sua prática, ressalta a importância da luta coletiva entre as mulheres no cenário da pixação e do graffiti em Alfenas, evidenciando a resistência e a perpetuação da cultura local tendo como recorte as lutas de gênero:

> Quando você tá passando na rua e bate um cheiro de tinta, te remete a uma memória olfativa absurda, a sensação de passar o rolinho na parede lisinha, da lata fixando perfeito. Para além do vício, da adrenalina [...] mas justamente por perpetuar a cultura, porque se não for eu, as minas dessa cidade, quem vai representar as necessidades? [...] Com tanta mina na cena e é sempre um cara que vai perpetuar isso? As meninas também têm que ter um espaço representado, tá ligado? A cidade também é nossa, como assim a gente não vai se expressar? [...] Se não for a gente para criar essa resistência, se manter nessa cultura, quem vai manter? (Entrevistada 1, 12/09/2024).

O graffiti como manifestação cultural participa do cotidiano da sociedade promovendo uma transformação estética nos lugares onde é realizado, além disso, essa expressão aponta para a utilização da cidade como obra ao resgatar os elementos visuais na composição da paisagem, sendo propriamente uma arte em função da resistência, no caso daqueles feitos na zona Oeste e Norte de Alfenas, conforme a figura 7 a seguir.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868



Figura 7: Colorindo a quebrada, zona Oeste. Fonte: autores, 2024.

A entrevistada 3 evidencia os motivos para haver mais graffitis na zona periférica ressaltando a importância desse tipo de expressão na composição da paisagem.

> Na periferia eu vejo que é mais colorido porque é um lugar totalmente esquecido, vamos dizer assim, e aí quando a gente vai fazer nesses bairros é para trazer cor, trazer vida. A luz da rua foi um evento que foi feito num bairro precário [...]. Aí a gente foi e fez numa casa que era precarizada, trouxe uma cor, sabe? (Entrevistada 3, 21/11/2024).

Comentado [U1]: Trouxe este parágrafo para aqui, pois ele estava meio embolado com o anterior que não fazia referência à figura 7.

Segundo a definição de Amorim Filho e Sena Filho (2007) sobre o zoneamento morfológico-funcional de cidades médias, foi possível identificar que a concentração das pixações ocorrem na zona central e periférica, enquanto os graffitis estão mais presentes na periferia. A figura 8 abaixo demonstra a distribuição de acordo com o levantamento realizado em campo.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

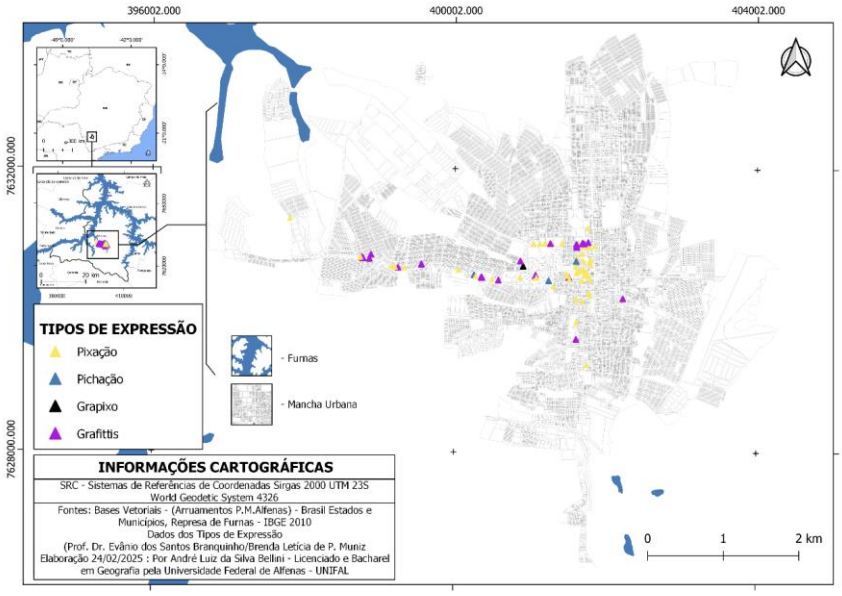

Figura 8: Mapa de densidade das expressões urbanas. Fonte: Autores, 2025.

De acordo com os autores referidos, a zona central caracteriza-se pela maior concentração de serviços e comércios, assim como maior circulação de pessoas. Já na zona pericentral, evidencia-se a função residencial, onde se pode observar a presença de casarões antigos, estações ferroviárias, sendo definida como uma zona de transição entre o centro e a periferia (AMORIM FILHO; SENA FILHO, 2007).

Como meio de selecionar as inscrições que possuem características de pixações, seguiu-se os critérios da escrita ser realizada com uma única cor, ser a síntese de uma identidade coletiva e/ou individual transformada em assinatura, pela repetição que se verifica na cidade e por ser realizada em espaços não permitidos. Notou-se também que há escritas realizadas com canetões, porém essas são menos perceptíveis e em menor quantidade por depender de estruturas mais lisas e serem de menor alcance visual, o que não constitui dificuldade para os *sprays* ou rolinhos que podem alcançar dimensões mais amplas das estruturas.

Já na zona periférica, onde a entrevistada aponta haver uma maior predominância de graffitis, pode ser visto a partir do exemplo dos bairros

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Pinheirinho e Santa Clara. Amorim Filho e Sena Filho (2007) afirmam que nessa região predomina a função residencial pelos imóveis coletivos, casas individuais e que por vezes apresentam precariedade quanto à autoconstrução.

A concentração da população mais pobre nessas localidades é justificada pelo elevado custo do aluguel na área central, que passou a concentrar as principais atividades comerciais em função da maior convergência dos fluxos. Além disso, os autores ressaltam que nessas localidades periféricas surgiram grandes empreendimentos comerciais como hipermercados, campus universitário, espaços de lazer e, com isso, novas oportunidades de serviços a partir da demanda dessas instalações.

A participação da propaganda nos espaços onde prevalece a função da troca é parte elementar das expressões simbólicas presentes na cidade que, por meio dos *outdoors*, panfletos e fachadas de loja, induzem ao consumo pela divulgação de ofertas e maiores opções de compra. Dessa forma, a experiência do sujeito na cidade leva a reduzir sua prática ao consumo e à realização individual na obtenção de mercadorias influenciadas pela cultura de massa (CARLOS, 2014) e, em certa medida, pela divulgação excessiva de determinados produtos.

Em Alfenas, verifica-se uma grande quantidade de *outdoors* integrando a paisagem citadina, bem como um centro comercial consolidado expondo diversas técnicas de propaganda que induzem ao consumo de bens materiais. Em contrapartida à massificação da propaganda e como meio de confrontar a paisagem produzida essencialmente em função da reprodução do capital, encontra-se a pixação exercendo uma contestação acerca da presença dessas estruturas, expondo que o sujeito como interventor do espaço por meio de sua identidade tem como premissa a necessidade de ser visto e, portanto, a impetuosidade em confrontar essa paisagem, como exposto na Figura 9:

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868



Figura 9: Pixação em confronto por visibilidade com outdoor. Fonte: Autores, 2024.

A partir da discussão realizada anteriormente, a posição dos pontos econômicos e do arranjo das zonas central e periférica, mediados pela relação público-privada permeando as ações políticas, conferem à organização urbana características de uma cidade segregada (AZEVEDO; BRANQUINHO, 2021). As relações presentes nas áreas central e periférica, nesse sentido, possuem dinâmicas diferenciadas quando se analisa as variáveis citadas, atribuindo funções específicas aos espaços da cidade. Enquanto no centro houve a concentração dos espaços de decisão verificada pela presença do comércio, dos setores de gestão municipal, a zona oeste foi ocupada pela população mais pobre.

De acordo com Branquinho (2023), o vazio urbano criado entre a zona central e a zona oeste na década de 1980, possibilitou que a especulação imobiliária encontrasse oportunidades para expandir seus negócios, aumentando as diferenças socioespaciais na cidade por meio do parcelamento excessivo do solo pela presença desses novos empreendimentos imobiliários. Vale destacar que o Estado exercendo sua função de planejar e gerir o espaço à iniciativa privada, configura-o:

> Como administrador dos interesses público *versus* privados sob a ótica financista do processo, transformando o espaço urbano em operações financeiras, cuja conformação do espaço não tem

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

> planejamento urbano prévio e subjugando o Estado a expectador da ação privada (AZEVEDO; BRANQUINHO, 2021).

Por esse viés, os processos de evolução e ocupação da cidade por determinados agentes sociais evidenciam a mercantilização do solo e sua potencialidade para a obtenção de lucro das imobiliárias.

Em razão à realidade que se apresenta em Alfenas e das dinâmicas atuais de ocupação e uso do solo urbano, verificou-se o aumento da ação imobiliária nos arredores da Unidade Santa Clara da UNIFAL-MG com seu funcionamento em 2012 no bairro. Em vista do aumento dos cursos de graduação, a cidade passou a ser cada vez mais atrativa para ao estabelecimento de novos estudantes, fato que se mostrou oportuno para a abertura de novos loteamentos pelos agentes privados. Esse aumento dos estudantes pode ser verificado também pela expansão dos novos empreendimentos comerciais que se diversificaram para atender este contingente.

Com a crescente presença do setor imobiliário nos arredores da Unidade Santa Clara organizando novos modos de habitar, verifica-se também a presença da pixação como linguagem identitária integrando a paisagem e confrontando a presença desses empreendimentos na cidade. A figura 10 a seguir é um exemplo de como a pixação se projeta como meio de contestação dessa organização espacial e competidora dos espaços presentes na cidade.



Figura 10: Pixação em placa de negócios imobiliários. Fonte: Autores, 2024.

Essa relação pode ser constatada também no centro onde há grande quantidade de *outdoors* com propagandas imobiliárias e pixações, evidenciando o

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

embate da publicidade com a pixação, sendo formas distintas de expressões que revelam conotações e finalidades opostas. A competição presente na paisagem, portanto, evidencia duas formas diferentes de se apreender o espaço. A primeira com a exposição do *outdoor*, anunciando a construção de novos loteamentos num ponto nobre da cidade demonstra a participação efetiva das imobiliárias no processo de parcelamento do solo. A segunda, como tendência contrária a esse fenômeno, encontra-se a pixação como expressão e valorização do espaço em suas potencialidades do uso e não do valor de troca (Figura 11):



Figura 11: Outdoor e pixação em confronto na paisagem. Fonte: Autores, 2024.

Nesse cenário, a pixação como linguagem se projeta na cidade como reivindicadora dos espaços centrais numa prática socioespacial criminalizada pelo fato de subverter as estruturas urbanas. Ao passo que esse embate é exposto na cidade, não há dúvidas de que os empreendimentos imobiliários impõem o poder, porém, a presença da pixação expõe as contradições no processo de apropriação e produção do espaço.

Esse conflito evidencia ainda a manutenção das estruturas privadas no poder de reconfigurar o espaço em vista das loteadoras e construtoras possuírem o aval do poder público no processo de parcelamento do solo, ficando a população à mercê dessas estratégias.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Em face dessas relações no processo de reprodução social sob a lógica do capitalismo e, portanto, da reprodução do espaço como mercadoria, evidencia-se as ações da pixação e do graffiti na reivindicação da cidade e pela prevalência das práticas sociais ressaltando o valor de uso.

Não obstante, não exclui as contradições que envolvem essa ação social, mas que são concorrentes para o entendimento da pixação como linguagem identitária, pertencente a uma cultura e como meio de reivindicação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a presente pesquisa, foi possível verificar por meio das entrevistas, trabalho de campo e síntese, que existe uma atratividade para a efetivação das pixações na zona central e pericentral de Alfenas, onde a circulação de pessoas é um fator determinante para a espacialidade da dinâmica do pixo.

A partir da técnica aplicada em campo e, posteriormente, com o auxílio do mapa, verificou-se a concentração das pixações na zona central e pericentral e dos graffitis na periferia. Foi possível concluir a existência dessa dinâmica pela contribuição dos pixadores e graffiteiros que ofereceram um panorama mais específico da atuação desses sujeitos.

Além disso, em razão da espacialidade das expressões e das intencionalidades que assumem no espaço, as escritas urbanas possuem um sentido político explícito no que tange à reivindicação pelo espaço. A presença das pixações e graffitis exercendo uma confrontação direta com os demais elementos espaciais que se inserem na dinâmica da reprodução do capital e do espaço como mercadoria, como os *outdoosrs* e placas de negócios imobiliários, permite apontar a existência orientada pela resistência dos pixadores e graffiteiros que caminham na contramão das normativas induzidas pelo capital.

Verifica-se também que a pixação, como uma ação transgressora, mobiliza contradições nas perspectivas apresentadas, e que na maioria das vezes é menosprezada seu poder de reflexão pelo fato de ser uma conduta criminalizada historicamente no Brasil. Nesse sentido, verifica-se um embate de forças que perpassam a sociedade de classes e recai na necessidade dos sujeitos reivindicarem seu espaço na cidade e os esforços do poder público em prevalecer uma cidade ordenada, supostamente isenta de vandalismo.

DE PAULA MUNIZ, Brenda Letícia; DOS SANTOS BRANQUINHO, Evânio. A PIXAÇÃO E O GRAFFITI COMO ELEMENTOS DA PAISAGEM E DA REIVINDICAÇÃO DO ESPAÇO EM ALFENAS/MG. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-25, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Entretanto, o que se denota é a pixação e o graffiti, como práticas de resistência frente à ideologia burguesa que orienta e condiciona os modos de se viver na cidade, sendo as escritas ilegais um modo de subverter a ordem e se revelar enquanto potência de denunciar as desigualdades presentes na cidade.

Referências:

AMORIM FILHO, O. B.; RIGOTTI, J. I. R.; CAMPOS, J. OS NÍVEIS HIERÁRQUICOS DAS CIDADES MÉDIAS DE MINAS GERAIS. **O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, p. 7-18, 2007.

AMORIM FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. **A morfologia das cidades médias**. Goiânia, 2º Ed., Vieira, 2007, 202p.

AZEVEDO, L. M.; BRANQUINHO, E. S. O protagonismo do poder público na condominização residencial da cidade de Alfenas-MG. **Revista Franco-Brasileira de Geografia.** Confins, 2021, n.50.

BRANQUINHO, E. S. (org). **A produção do espaço segregado em Alfenas-MG**. Universidade Federal de Alfenas, Alfenas-MG. 2021.

CARLOS, A. F. A. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. **GEOUSP - Espaço e Tempo**. São Paulo, v.18, n.2, p.472-486, 2014.

CARLOS, A. F. A. Da “organização” à “produção do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, A. F. A., SOUZA, M. L., SPOSITO, M. E. B. (org). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo, Contexto, 2018. p. 53-73.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 4. Ed. São Paulo: Ática. 1989.

CORRÊA, R. L. Cidades médias e rede urbana. In: SPOSITO, M. E. B; SILVA, W. R. S.; Perspectivas da urbanização: reestruturação urbana e das cidades. 1. Ed. Rio de Janeiro: **Consequência Editora**, 2017.

CORRÊA, R. L. Formas simbólicas do espaço. In: CORRÊA, R. L. **Caminhos paralelos e entrecruzados**. São Paulo, Ed. Unesp, 2018. p. 221-286.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias: 2017**. Coordenação de Geografia - Rio de Janeiro, 2017.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

LASSALA, G. **Pichação não é pixação**: Uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas**.** Altamira, São Paulo, 2º ed., 2017.

MEINIG, D. O olho que observa: dez versões da mesma cena. Rio de Janeiro – RJ, **Espaço e Cultura**, UERJ. nº1, p. 35-36, 2013.

NASCIMENTO, G. F. Escrita e resistência: as pichações no Brasil ditatorial. **História Oral**, v.22, n.1, p. 436-439, jan/jun. 2019.

PIRES, A. O. S. A pixação como apropriação da cidade: o pixador como formador do cenário urbano**.** 2017, 174 f. Dissertação (Mestrado – História), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, MG, 2017.

PIRES, A. O. S. O pixo como ação política. In: MAIA, A. C. N. **História oral e direito à cidade**: Paisagens urbanas, narrativa e memória. São Paulo, Letra e voz, 2019. p. 159-179.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALFENAS. **Leitura técnica do Plano Diretor Participativo de Alfenas.** Alfenas, 2006.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica, Razão e Emoção. 3ª Ed. São Paulo: Edusp, 2003.

Recebido em: 27/02/2025.
Aceito em: 26/05/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Brenda Letícia de Paula Muniz
Mestranda no Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Alfenas. Graduada em Geografia Licenciatura pela mesma instituição onde já atuou como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e Residência Pedagógica (RP). Já realizou Iniciação Científica com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) com ênfase em estudos urbanos e dos elementos culturais que compõem a cidade de Alfenas/MG.
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-3018-214X
E-mail: brenda.muniz@sou.unifal-mg.edu.br

Evânio dos Santos Branquinho
Possui bacharelado e licenciatura em Geografia (Universidade de São Paulo 1992), mestrado em Geografia Humana (Universidade de São Paulo 2001) e doutorado em Geografia Humana (Universidade de São Paulo 2007). Tem experiência na área de Geografia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: (re)produção do espaço urbano, segregação socioespacial, intervenção do

REVISTA DA FUNDARTE

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Estado, cotidiano e lugar. Professor no Curso de Geografia na Universidade Federal de Alfenas-MG, nas modalidades Bacharelado e Licenciatura, desde 2008. Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UNIFAL-MG) desde 2019.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6867-9740
E-mail: evanio.branquinho@unifal-mg.edu.br

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

DE PAULA MUNIZ, Brenda Letícia; DOS SANTOS BRANQUINHO, Evânio. A PIXAÇÃO E O GRAFFITI COMO ELEMENTOS DA PAISAGEM E DA REIVINDICAÇÃO DO ESPAÇO EM ALFENAS/MG. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-25, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br